

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

IDEIAS VIAJANTES: ESTUDOS DE CASO DO NORTE DO PARANÁ

SESSÃO TEMÁTICA: IDEIAS VIAJANTES – ARQUITETURA E URBANISMO NO
INTERIOR DO PAÍS

Renato Leão Rego
Universidade Estadual de Maringá - UEM
rlrego@uem.br

Carla Martins Olivo
Universidade Estadual de Maringá - UEM
olivo.carla@gmail.com

Vanessa Jones de Melo
Faculdade Ingá – UNINGÁ
vanessajonesmelo@gmail.com

Vanessa Calazans da Rosa
Universidade Estadual de Maringá - UEM
vcalazansrosa@gmail.com

Valéria Zamboni de Souza
Universidade Estadual de Maringá - UEM
valeriazamboni@gmail.com

IDEIAS VIAJANTES: ESTUDOS DE CASO DO NORTE DO PARANÁ

RESUMO

Este trabalho apresenta conceitos relativos à circulação de ideias, fundamentais para a sessão temática Ideias Viajantes: Arquitetura e Urbanismo no Interior do País, e relata quatro estudos de caso do norte do Paraná que os empregaram, a saber: o caso da trajetória do arquiteto alemão Philipp Lohbauer; o projeto da biblioteca de Maringá que adapta certas noções da estética do concreto aparente; o caso dos projetos das catedrais de Maringá e de Cascavel, que fazem ressonar, à sua maneira, a arquitetura brutalista; e o Conjunto Centro Comercial de Londrina que, quase simultaneamente, reproduz no interior a ideia do edifício multifuncional entrevista em edificações paulistanas contemporâneas como o Copan e o Conjunto Nacional.

Palavras-chave: Arquitetura moderna. Urbanismo moderno. Circulação de ideias.

TRAVELLING IDEAS: CASE STUDIES OF NORTHERN PARANÁ

ABSTRACT

This paper presents concepts regarding architecture and town planning diffusion that are fundamental to the session Travelling Ideas: Architecture and Urbanism in the Hinterlands. It also reports four case studies in northern Paraná state that applied these concepts, namely: the work of the German architect Philipp Lohbauer; the design of Maringá public library which adapts certain notions of the exposed-concrete aesthetic; the design of Maringá and Cascavel cathedrals, which makes resonate aspects of the brutalist architecture; and the layout for Conjunto Centro Comercial de Londrina that, almost simultaneously, reproduced the idea of a multifunctional building materialized in contemporary projects in São Paulo such as Copan and Conjunto Nacional.

Keywords: Modern architecture. Modern town planning. Planning diffusion.

1. PROPOSIÇÃO

Em retrospecto, o urbanismo revelou desde cedo sua dimensão internacional, notada na construção de uma comunidade profissional que ultrapassou as fronteiras nacionais, “permitindo a circulação das experiências, as tentativas de fundar uma linguagem comum e tecer uma rede de consultoria à qual recorrer, se necessário” (Calabi, 2012, p. 4). A bagagem de conhecimento e as experiências dos primeiros urbanistas prontamente circularam mundo afora por meio de exposições, convenções, viagens de estudo, consultorias, criação de disciplinas especializadas e entidades de classe, publicação de manuais, textos teóricos, revistas técnicas e fotografias. Como mostra Sutcliffe (1981, p. 163 e ss.), uma rede internacional de conexões (de profissionais, associações e eventos) favoreceu a “fertilização cruzada” de ideias urbanísticas. Centrado nas personalidades chave para a difusão do urbanismo, Peter Hall (2002, p. 7) adverte que as ideias urbanísticas, como produtos da inteligência humana, provem de outros produtos, ramificam-se, fundem-se, jazem adormecidas ou são despertadas dos modos mais complexos. Como bem notou Calabi (2012, p. XXIV) em sua ‘História do urbanismo europeu’, “o urbanista sempre foi considerado um ‘homem culto’, capaz de adquirir, como dileteante, noções de outras áreas e aproveitá-las em seu próprio campo” de trabalho e, portanto, incrementando o entrelaçamento das ideias.

O caso da produção arquitetônica não é diferente: Cohen (2013, p. 13) entende os diferentes cenários nacionais da arquitetura do começo do século XX “como permeáveis a estratégias e debates internacionais – como contextos em que tais estratégias e debates estavam submetidos a discussão, modificação e adaptação-, e não como territórios com fronteiras intransponíveis”.

A complementar o raciocínio sobre a circulação das ideias, Said (p. 157) também nos lembra que elas viajam de “pessoa para pessoa, de situação para situação, de um período para outro”. Seja por meio da influência inconsciente ou da ressonância, do empréstimo criativo ou da apropriação integral, da deferência cultural ou da imposição política, as ideias acabam modificadas em sua viagem. Desde seu ponto de partida – o conjunto inicial das circunstâncias que lhe deram origem – e em seu deslocamento – na passagem pela pressão de contextos diversos e no conjunto de condições – de resistência, rejeição e aceite – enfrentadas para ser introduzida ou tolerada em um novo meio, a ideia total ou parcialmente incorporada não deixa de ser transformada por seus novos usos, sua nova posição em um novo tempo e lugar (Said, p. 157-158). Como bem notou Tota (2000), assimilação cultural não se faz por mera imitação, mas por um rico processo de recriação.

Nesse sentido, é fundamental perceber que o termo ‘influência’ não deixa de remeter a um movimento descendente e unilateral e à noção de dependência, deixando de lado as

complexas relações do trânsito das ideias e das trocas culturais (Leme, 2004, p. 1). Já os termos 'circulação, usado nas publicações brasileiras, e 'difusão', mais comum em publicações de língua inglesa, evocam “uma maior isonomia entre as partes envolvidas no intercâmbio das ideias e das práticas urbanísticas” (Leme, 2004, p. 01) e dão margem à noção de que todas as partes envolvidas contribuem de algum modo para a propagação das ideias, ao mesmo tempo em que se modificam através destes contatos. De modo semelhante, o termo 'ressonância' tem sido empregado por Monteiro (2000) para fazer notar as semelhanças e variações na repercussão de ideias urbanísticas.

Dito isso, a sessão temática *Ideias Viajantes: Arquitetura e Urbanismo no Interior do País* propõe trazer para o centro do debate a arquitetura e o urbanismo produzidos no interior do Brasil do século XX, acompanhando tanto a produção de projetistas locais e a trajetória de profissionais migrantes quanto o papel referencial dos grandes centros urbanos e as vicissitudes da cultura técnica vigente. O trânsito de profissionais pelo país significou, de acordo com Segawa (1997, p. 134), troca e enriquecimento, e a migração de arquitetos e urbanistas caracterizou um processo de transferência de conhecimento e tecnologia de regiões mais desenvolvidas para outras menos desenvolvidas, num processo indutivo de modernização. Com efeito, há uma considerável produção arquitetônica no interior do país que, menos heroica e mais distante da exemplaridade dos casos paradigmáticos, permite entrever os mecanismos, as dinâmicas e os desdobramentos da circulação das ideias. Observadas desde o seu contexto original, as ideias viajantes podem resultar irreconhecíveis, mas a perspectiva inversa permite vislumbrar e reconhecer as adaptações sofridas nos seus deslocamentos. Desse modo, esta sessão acredita poder contribuir para o entendimento da arquitetura e do urbanismo produzidos a partir e mais além dos grandes centros.

2. ESTUDOS DE CASO: O NORTE DO PARANÁ

A zona pioneira do norte paranaense foi um campo fértil de possibilidades para jovens profissionais liberais em busca de oportunidades de trabalho, atraídos pela criação de cidades novas, pela modernização daquelas já existentes e pelo rápido desenvolvimento regional (Rego, 2012). A atuação de arquitetos, engenheiros e urbanistas forâneos, sobretudo paulistanos, no interior do Paraná ratificou regionalmente reconhecidos mecanismos de difusão global de ideias e modelos de arquitetura e urbanismo. Por um lado, porque esses profissionais atuaram como contratados externos da sociedade local atenta às inovações experimentadas no efervescente ambiente metropolitano através de viagens ou da imprensa. Por outro lado, porque foram levados a atuar no interior por intermédio de empresas metropolitanas que demandavam uma imagem moderna para sua

representação na zona pioneira. Portanto, ideias metropolitanas de circulação global foram levadas para a zona pioneira na medida em que os negócios metropolitanos alcançavam o interior do país e se valiam das experiências dos grandes centros urbanos. Mas também foram *buscadas* na metrópole na medida em que a elite interiorana ansiava aquilo que a prestigiosa e poderosa sociedade metropolitana exibía como sinal de progresso econômico e desenvolvimento cultural.

Entre estes profissionais encontram-se Francisco Prestes Maia, Carlos Cascaldi e João Batista Vilanova Artigas, Leo Ribeiro de Moraes, Ícaro de Castro Mello, Jacques Pilon, Rino Levi e Jorge de Macedo Vieira, que atuaram no norte paranaense no final dos anos 1940 e começo da década de 1950; no final dos anos 1960 tiveram papel importante naquela região os profissionais oriundos de Curitiba, entre eles a equipe capitaneada por Jaime Lerner; mais tarde também atuaram lá Burle Marx, Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha. O trabalho de outros projetistas, menos conhecidos, serão apresentados a seguir.

Entretanto, é fundamental notar que a arquitetura e o urbanismo produzidos naquela região – assim como em qualquer outra – apresentam ressonâncias e dissonâncias em relação aos seus antecedentes – paulistanos, curitibanos, metropolitanos, globais. Reconhecer ressonâncias e dissonâncias, aproximações e distanciamentos, tem permitido incrementar a narrativa da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

Nesse sentido, tem sido importante atentar para os seguintes aspectos da circulação de ideias: a) de quais antecedentes ou circunstâncias parte a ideia em questão; b) como se dá o seu deslocamento; c) que condições (de aceitação ou resistência) enfrenta no novo contexto em que é inserida; e d) que transformações é percebida na ideia, parcial ou totalmente acomodada, e no seu novo contexto.

2.1 A ATUAÇÃO DE PHILIPP LOHBAUER NO NORTE DO PARANÁ

Durante a década de 1940 o alemão Philipp Lohbauer foi o autor de mais de 40 projetos para cidades da frente pioneira norte-paranaense. Sediado em São Paulo e trabalhando principalmente por intermédio de companhias construtoras, o arquiteto recém-chegado ao Brasil, de formação politécnica, contribuiu prolificamente para a constituição da paisagem urbana do norte do Paraná. Lohbauer foi responsável por projetos de mais variados portes, uso, inserção urbana e status. Além de uma considerável produção residencial, projetou aeroporto, estação rodoviária, praça, igreja, fórum, colégio, e o primeiro edifício vertical misto de Londrina, quando esta cidade apresentava relações socioeconômicas e políticas pulsantes e, com vinte anos de existência, ia crescendo rapidamente. Londrina então

buscava por referenciais, valores e modelos de urbanização e arquitetura que correspondessem aos seus anseios progressistas.

Neste sentido, a demanda por expertise certamente animou o trabalho do arquiteto alemão no interior. Em contrapartida, Lohbauer carregou novos princípios e valores para tal contexto, já que um arquiteto viajante é um incorporador de influências, muitas vezes um cosmopolita, e, dessa maneira, participa das intrincadas redes do processo da modernização (cf. Lira, 2011).

Sem dúvida, a observação do conjunto de projetos permite apreender racionalidade, rigor técnico e inovação projetual. Entretanto, a imagem de modernização impressa por Lohbauer se mostrou um tanto distante das premissas modernas expressas pela produção arquitetônica contemporânea de Artigas e Cascaldi em Londrina. Apesar de temporalmente próximos, Lohbauer dissonou da 'arquitetura funcional', com uma estratégia projetual que tratava de atrelar a solução arquitetônica ao caráter das edificações - que apresentavam as mais diversas características formais, podendo ser ora clássica, ora funcionalista, ora pitoresca (Fig. 1).



Figura 1 – Edifício ECB, 1948. Fonte: Olivo, 2014.

Neste sentido, se torna possível compreender a variedade estilística da obra de Phillip Lohbauer no norte do Paraná dos anos de 1940 a partir do ponto de vista da troca cultural,

na medida em que cada projeto, contexto e cliente, condicionavam composição e a configuração da arquitetura (Olivo, 2014).

2.2 O CONJUNTO CENTRO COMERCIAL DE LONDRINA

A produção da arquitetura moderna em Londrina resultou “da ação de indivíduos que viam a necessidade de afirmação da cidade como pólo de desenvolvimento da região através de uma arquitetura de destaque” (Castelnou, 1998) e o processo de verticalização urbana iniciado no final dos anos 1940 foi mais um dos indícios da modernização desta cidade nova criada em 1931. Como notou Somekh (1997), a verticalização não deixa de representar o reflexo dos anseios de uma sociedade que deseja usufruir do status e do poder que o edifício em altura representa. E é precisamente neste contexto que o Conjunto Centro Comercial de Londrina uma edificação vertical multifuncional projetada entre 1953 e 1955, consoante com os preceitos da arquitetura moderna.

O Conjunto Centro Comercial (Fig. 2) concentra galeria comercial, acessada por duas ruas de importante circulação no centro da cidade, e três torres residenciais duplas, de 20 pavimentos, que acomodam apartamentos com área e distribuição variadas, adequando-se às necessidades e particularidades dos moradores. As características projetuais do Conjunto Centro Comercial refletem posturas contemporâneas no que se refere à personalização de plantas e à multifuncionalidade. Seu caráter multifuncional e sua arquitetura modernista ajudaram a promover uma nova dinâmica urbana e reforçaram a inserção da cidade na vanguarda regional, através da construção de uma paisagem urbana moderna.



Figura 2 - Jornal Folha de Londrina, de 15 de outubro de 1959. Fonte: CDPH - UEL.

Nesse sentido, é notável o reflexo dos acontecimentos da metrópole, especificamente da capital paulista, no desenvolvimento urbano de Londrina que, privilegiada pela riqueza advinda da cultura cafeeira, promoveu a propagação de tendências e de novas ideias. Em Londrina, os primeiros edifícios verticais foram projetados e construídos no período compreendido entre 1949 e 1959, com a criação de várias construtoras locais e a fixação na cidade de engenheiros, projetistas e desenhistas forâneos que prestavam serviços às construtoras. Américo Sato, projetista do Conjunto Centro Comercial, formara-se em engenharia civil em Curitiba em 1951 e mudou-se para Londrina como parte da corrente migratória de profissionais que buscavam oportunidades de trabalho na área da construção civil devido à pujante expansão econômica da região. A grande colônia japonesa de Londrina favoreceu a aceitação do profissional de origem oriental que, na época, provocava certo estranhamento em Curitiba (Suzuki, 2011, p. 65).

A atuação destes profissionais de arquitetura e engenharia civil, vindos dos grandes centros urbanos e mesmo do estrangeiro, foi um dos fatores responsáveis pela modernização da cidade. A simultaneidade dos projetos dos principais edifícios multifuncionais de São Paulo, como o Copan (1952) e o Conjunto Nacional (1955), com o projeto do Conjunto Centro Comercial de Londrina parecem confirmar a estreita sintonia entre as duas cidades e o olhar atento às modernizações desenvolvidas na metrópole e sua consequente ressonância no interior. Apesar do caráter pioneiro da edificação, a observação das soluções construtivas deste edifício multifuncional revela um certo descompasso tanto em relação ao ideário da arquitetura moderna quanto à técnicas construtivas que ele requeria (Melo, 2014).

2.3 OS PROJETOS DAS CATEDRAIS DE MARINGÁ E DE CASCAVEL

A Catedral de Maringá (1959) teve seu projeto iniciado no período em que despontava uma expressão arquitetônica (na propostas dos Smithson, na obra de Corbusier e de Affonso Eduardo Reidy, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha et al; cf. Zein, 2007, p. 2), e a Catedral de Cascavel (1966) foi projetada com aquela expressão arquitetônica já consolidada. Os dois projetos exploram o uso do concreto aparente, revelando as marcas das fôrmas da madeira tanto interna quanto externamente (Fig. 3).

A catedral de Maringá foi projetada por José Augusto Bellucci, arquiteto paulistano formado pela Escola de Belas Artes em 1933 e encarregado pela companhia colonizadora do norte do Paraná, sediada na cidade de São Paulo, de vários outros projetos de vulto em Maringá e que, com isso, acabou também sendo contratado pela elite local – pela cúria metropolitana, neste caso, e pela municipalidade. A catedral de Cascavel é projeto de

Gustavo Gama Monteiro (1925-1995), arquiteto carioca formado pela FNA – Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil – RJ, em 1949, que depois de uma breve passagem por Curitiba mudou-se para Cascavel em função de outros contratos de trabalho oferecidos pelo governo estadual.



Figura 3 – As catedrais de Maringá (à esquerda) e de Cascavel (à direita). Fontes: Museu da Bacia do Paraná, 1987 e Prefeitura Municipal de Cascavel, 2012, respectivamente.

A conformação da catedral maringaense explora a plasticidade, a materialidade e a simbologia de uma forma singular, monumental. O volume principal – uma casca cônica dupla de concreto aparente moldado *in loco* – é arrematado por um conjunto volumétrico secundário – estruturas piramidais que resolvem as aberturas ao exterior. No vazio vertical interno, destacam-se pilares em W, cujo desenho responde às forças estáticas com tratamento artístico. A forma decorre da implantação – um terreno circular – e de uma intenção plástica – a verticalidade característica das catedrais – e da exploração plástica de um material e uma técnica construtiva então em voga.

Em contrapartida, o projeto da catedral cascavelense, com formato de anfiteatro, responde a primordialmente à solução estrutural. A composição arquitetônica é obtida por um sistema de pilares e vigas – pórticos – que configuram uma cobertura plissada em formato de leque. O sistema de pórticos e a cobertura plissada permitiram criar o interior livre e aberto, no qual a horizontalidade é fortemente marcada. Ainda que com acabamentos de outros materiais, predomina o concreto aparente moldado *in loco*. O balanço da cobertura sombreia o fechamento transparente, que está retraído em relação à projeção da cobertura e à estrutura frontal. Um desnível criado na entrada principal solucionou a questão da privacidade e da inclinação da nave e, ao mesmo tempo, pôs em destaque a borda da cobertura. Desse

modo, enquanto um projeto resultava de uma escolha formal, o outro decorria de uma concepção estrutural.

Cada uma a seu modo, estas duas edificações fazem ressoar certas características da arquitetura brutalista, porém sem reproduzir a crítica social que perpassa a arquitetura da escola paulista: a ressonância brutalista na Catedral de Maringá está ligada, sobretudo, à estética do *béton brut* e à plasticidade formal; em Cascavel as ressonâncias também decorrem da proposta corbusierana, filtrada pela escola carioca, e estão presentes na solução estrutural como diretriz projetual e definidora da forma arquitetônica (Souza, 2015).

2.4 O EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MARINGÁ

Inaugurado em 1975, o edifício da biblioteca municipal de Maringá (Fig. 4) é de autoria do engenheiro curitibano Luty Vicente Kasprowicz, formado em 1955 pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná. De forma prismática regular, a composição foi elaborada a partir da subtração e adição de volumes sobre uma ossatura modulada. A estrutura é um sistema porticado de concreto armado, com lajes nervuradas tipo caixão-perdido apoiadas sobre pilares, à maneira Dom-ino.

Com estrutura e fechamento em concreto aparente, o edifício da biblioteca não deixa de remeter a uma adaptação da arquitetura produzida em São Paulo e em Curitiba, dos anos 1960 e 1970, na medida em que a arquitetura curitibana dessa época incorporou e transformou a conhecida arquitetura brutalista paulista, por meio da produção de jovens arquitetos como Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi, Roberto Luis Gandolfi e Francisco Moreira, formados pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Figura 04 - Biblioteca Municipal de Maringá. Fonte: Rosa, 2016.

Com estrutura e fechamento em concreto aparente e vidro, o edifício da biblioteca não deixa de remeter a uma adaptação da arquitetura produzida em São Paulo e em Curitiba nos anos 1960 e 1970, na medida em que a arquitetura curitibana dessa época incorporou e transformou a conhecida arquitetura brutalista paulista, por meio da produção de jovens arquitetos como Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi, Roberto Luis Gandolfi e Francisco Moreira, formados pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. O aprendizado na escola de Curitiba e o contato familiar com o arquiteto Vilanova Artigas permitiram a Kasprovicz a adoção, à sua maneira, de certos aspectos de ambas essas arquiteturas. Nesse sentido, percebemos a criação de uma “teia de referências cruzadas”, tratada por Bastos e Zein (2010, p. 142), constituída através da migração e das viagens de profissionais dentro e fora do país. Com isso, pode-se observar uma arquitetura comum à época, com características semelhantes recriadas em lugares diferentes e distantes entre si.

Assim como na catedral, na época em construção diante da biblioteca, os materiais empregados e a composição prismática representavam o aspecto moderno da arquitetura. Brises verticais pré-moldados, também em concreto aparente, foram instalados sobre a superfície contínua de vidro fumê sem caixilhos que veda os pavimentos superiores, em balanço sobre a calçada, enquanto o pavimento térreo é fechado com vidro translúcido tipo U-glass, material industrializado inovador para a região. A madeira, disponível e abundante, e a já tradicional alvenaria de tijolos foram preteridos em favor de uma aparência condizente com a modernização almejada.

Contudo, nem sempre essa aparência era valorizada. O próprio Kasprovicz conta que um cliente, irritado com as perguntas dos amigos sobre a falta de acabamento na fachada de sua obra, mandou rebocar e pintar a empena de concreto aparente. Na biblioteca, a suavização da aparência ‘bruta’ do material se deu por meio de um recurso característico dos edifícios em concreto projetados pelos arquitetos de Curitiba: formas geométricas em baixo relevo estampam os volumes da escada e do auditório e ornamenta o edifício. Os brises também se revelam decorativos, não funcionando como moderadores climáticos, já que na fachada sul onde estão instalados não há problema de incidência solar direta.

Nesse sentido, as distintas referências arquitetônicas presentes no projeto geram uma arquitetura híbrida (Rosa, 2016). No caso do concreto aparente, foram adaptados, por exemplo, os aspectos plásticos e as soluções construtivas (sobretudo a das esquadrias), deixando de lado as questões ideológicas do brutalismo. Isso corrobora a noção de que aspectos formais e físicos são rápida e facilmente incorporados, enquanto aspectos conceituais são “ideias de mais difícil penetração, adaptação e prática” (Leme, 2004, p. 3).

BIBLIOGRAFIA

Andrade, Carlos Roberto Monteiro de. "Ressonâncias do tipo cidade-jardim no urbanismo de cidades novas no Brasil". In: VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, *Anais*. Natal: UFRN, 2000.

Calabi, Donatella. *História do urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Castelnou, Antonio Manuel. *A influência da produção modernista na transformação do panorama arquitetônico da cidade de Londrina nos anos 50*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: USP, 1998.

Cohen, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Hall, Peter. *Cidades do amanhã*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Leme, Maria Cristina da Silva. "A circulação de ideias e modelos na formação do urbanismo em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX". In: VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, *Anais*. Niterói: UFRJ, 2004.

Lira, José Tavares Correia. "Arquitetos estrangeiros, a arquitetura no estrangeiro e a história". In: Lanna, Ana N. D. (Org.). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*, 353-386. São Paulo: Alameda, 2011.

Melo, Vanessa Jones de. *O Conjunto Centro Comercial de Londrina-Pr: o edifício multifuncional, a arquitetura modernista e a modernização da cidade*. Dissertação de mestrado. Maringá: UEM, 2014.

Olivo, Carla Martins. *Arquitetura e estratégias projetuais em Philipp Lohbauer para o Norte do Paraná*. Dissertação de mestrado. Maringá: UEM, 2014.

Rego, Renato Leão. "Modernidade no interior: o norte do Paraná, os engenheiros, arquitetos e urbanistas forâneos e a construção da imagem regional". In: XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

Rosa, Vanessa Calazans da. *O edifício da biblioteca municipal de Maringá: arquitetura e referências projetuais*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Maringá: UEM, 2016.

Said, Edward W. "Travelling theory". In: Said, E. W. *The world, the text, and the critic*, 157-181. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.

Segawa, Hugo. *Arquiteturas no Brasil de 1900 a 1990*. São Paulo: Edusp, 1997.

Somekh, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Nobel, 1997.

Souza, Valéria Zamboni de. *Ressonâncias da arquitetura brutalista nos edifícios das Catedrais de Maringá e de Cascavel*. Dissertação de mestrado. Maringá: UEM, 2015.

Sutcliffe, Anthony. *Towards the planned city. Germany, Britain, the United States and France, 1780-1914*. Oxford: Basil Blackwell, 1981.

Suzuki, Juliana H. *Idealizações de Modernidade. Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina. 1949-1969*. Londrina: Kan, 2011.

Tota, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Zein, Ruth Verde. "Brutalismo, sobre sua definição. (ou de como um rótulo superficial é, por isso mesmo)". *Arquitextos*, ano 07, no. 084.00, 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/243>> Acesso em 18/02/2014.